

5.

A construção de identidades sociais no contexto de famílias de Vila Rosário

Neste capítulo, mostrarei a construção de identidades sociais e discursivas no âmbito das famílias de Vila Rosário. Utilizo a abordagem de uma macronarrativa construída através das entrevistas de pesquisa, a partir do ponto de vista feminino: das mulheres entrevistadas e das mulheres participantes da entrevista – eu, como pesquisadora e Custódia, a agente comunitária de saúde do Instituto Vila Rosário, colaboradora de pesquisa e co-construtora das entrevistas realizadas, na interação com os moradores.

As identidades sociais e discursivas estarão emergindo, nas entrevistas, enquanto participantes/membros das famílias: mulheres, homens, crianças que compõem as famílias de Vila Rosário, focalizadas no presente estudo.

Neste primeiro momento, interesse-me em mostrar como, no curso das interações, tornam-se relevantes as construções das famílias e as identidades sociais de seus membros.

5.1. A família de Silvia

Minha primeira entrevistada é Silvia, que inicia sua entrevista, construindo a estabilidade de sua família.

5.1.1. Construção da estabilidade familiar

- | | | |
|---|----------|---|
| 1 | Custódia | a gente não [vai te prejudicar não, tá↑] |
| 2 | Marília | [quantos anos você tem?], <u>não</u> isso [aqui é sigiloso] |
| 3 | Silvia | [meu nome] é |
| 4 | | silvia, eu tenho trinta e oito anos |
| 5 | Marília | trinta e oito? |
| 6 | Silvia | tem dezoito que to morando com meu esposo |
- Fragmento 5.1.1a – Construção da estabilidade familiar

Nos dois primeiros turnos (linhas 1 e 2), Custódia e eu estabelecemos a abertura da entrevista, a partir de um breve esclarecimento sobre o sigilo da conversa, o que nas entrevistas seguintes não será tão recorrente, visto que Silvia

foi uma das primeiras pessoas da comunidade a ser entrevistada e responsável pelo esclarecimento da importância e do sigilo das entrevistas aos demais moradores tanto quanto Custódia.

Ainda na linha 2, oriento Silvia para sua idade. Porém, nas linhas 3 e 4, antes de responder ao meu questionamento, ela retoma seu nome, que já era de meu conhecimento através de informações prévias de Custódia. Ela inicia uma construção identitária com foco no tempo em que se encontra com seu companheiro (“tem dezoito que to morando com meu esposo”). É interessante observar a ênfase dada aos anos em que se encontra casada, indicando a estabilidade de sua família, algo bastante raro na sua rede de relações sociais na comunidade. Afinal, no imaginário das classes populares, a presença moral de um homem no espaço doméstico como marido e pai confere respeitabilidade ao grupo doméstico neste segmento social (cf. Sarti, 1989; Agier, 1990).

Mais adiante, ela revela, mediante minha pergunta, quem são os moradores de sua casa, primeiramente de forma mais geral (linha 21) e, em seguida, de forma um pouco mais detalhada (linhas 23 a 26), depois de minha pergunta (linha 22):

- | | | |
|----|---------|--|
| 20 | Marília | quem mora aqui com você? |
| 21 | Silvia | aqui: é eu, meu esposo, meus quatro filhos |
| 22 | Marília | quatro↑ ele é o↑ ((afagando os cabelos do menino)) |
| 23 | Silvia | é o douglas, tem o douglas, o danilo |
| 24 | Marília | >quantos anos↑, |
| 25 | Silvia | douglas tem quatro anos, o danilo tem, vai fazer doze domingo, |
| 26 | | a mi-, milena vai fazer onze, e a michele fazer dezoito |
- Fragmento 5.1.1b – Construção da estabilidade familiar

Na linha 26, Silvia, ao dizer que “o danilo tem, vai fazer doze domingo”, deixa marcas de aproximação com Custódia (primeiramente), e possivelmente comigo, já que também propus sigilo na entrevista. Ela revela uma intimidade familiar, marcando a data do aniversário de seu filho que está próxima por meio do dia da semana “domingo”, o que pode ser entendido como uma pista de camaradagem.

5.1.2. A mãe participativa/controladora junto aos filhos

Mais adiante, a moradora fala sobre a presença de seus filhos na rede escolar local, de forma bastante sumária na linha 57 (“aí meus filhos tudo

estuda”), mas deixa claro o cumprimento do dever universal de manter seus filhos na escola (exceto o caçula, fora da idade escolar). Aliás, em Vila Rosário, ainda que haja déficits educacionais, a escola é valorizada e marca distinção: “uma família cujos filhos não freqüentam a escola é vista como socialmente inferior” (Sarti, 2003, p. 105).

57 Silvia ((indicando o caçula)), aí meus filhos tudo estuda, a michele estuda
 58 das sete:, das sete a meio dia, as onze e meia, a milena, daqui a
 59 pouquinho tá chegando aí, também, e o menino de dez anos assim ()
 60 aí quem ficou sem estudar foi ele, que a gente não consegue no:,
 Fragmento 5.1.2 – A mãe participativa/controladora

Nas linhas 58 e 59, Silvia traz os horários de entrada e saída escolar dos três filhos que estudam (“das sete::, das sete a meio dia, as onze e meia”), o que a auxilia na construção da identidade de uma mãe participativa/controladora, já que ela sabe dos horários de entrada e saída, o que não permitiria que seus filhos se desviassem do caminho de casa sem sua desconfiança. E complementa: “milena daqui a pouquinho tá chegando aí, também, e o menino de dez anos assim ()”, demonstrando controlar/calcular os horários de todos os três com os usos de “também” e “e”. Fechando o tópico, na linha 60, a entrevistada esclarece que o filho mais novo não está na escola porque não consegue vaga para ele (o que será discutido mais detalhadamente adiante – item 6.2).

5.1.3. A construção identitária do homem provedor

No fragmento correspondente às linhas 27 a 30, Silvia fala sobre a fonte da renda da casa. Em primeiro lugar (linha 28), ela esclarece que não trabalha (fora). A razão disso é não ter com quem deixar o filho mais novo, o que será indicado em outro fragmento na seção 6.2. Sendo assim, a ela cabem os papéis de dona-de-casa, esposa e mãe. Este último papel pode ser ratificado no fragmento compreendido entre as linhas 57 a 60, no qual Silvia co-constrói a identidade de mãe participativa por meio do controle dos horários de entrada e saída da escola dos demais filhos (exposto na seção 5.1).

27 Marília cê não trabalha↑
 28 Silvia não

- 29 Marília trabalha só teu marido
 30 Silvia só meu marido
 Fragmento 5.1.3a – A construção identitária do homem provedor

A seguir, continuo, questionando sobre a profissão e as condições de trabalho de seu esposo:

- 31 Marília trabalha em que?
 32 Silvia pintor
 33 Marília pintor↑ () mas ele tem sempre serviço certo, trabalha em empreiteira↑
 34 Silvia não, tem o trabalhinho dele certo, é biscate mas é certo
 35 Marília tem sempre () acaba um começa outro↑
 36 Silvia é, é, vai indo () mas agora ele tá correndo atrás de carteira assinada
 Fragmento 5.1.3b – A construção identitária do homem provedor

Na linha 31, procuro saber, sem utilizar termos como “profissão”, qual seria o ofício praticado por seu marido, pois não queria influenciá-la a categorizá-lo em uma carreira específica caso ele não a tivesse. Depois de esclarecido o ofício, minha pergunta se direciona para a existência de vínculo empregatício. Na linha 34, Silvia traz a resposta que pode ser analisada em duas partes: a negativa e o “biscate”. A negação parece responder apenas o segundo momento de meu questionamento da linha 33 (“trabalha em empreiteira↑”). Já ao dizer que o marido “tem o trabalhinho dele certo” e “é biscate mas é certo”, interpretei o que foi dito, segundo meu conhecimento de mundo, como um paradoxo. Para mim, e pelo que pude interpretar pelo contexto da entrevista, o termo “biscate” ou “biscateiro” só deveria ser utilizado para aqueles que não tivessem vínculo empregatício com seus contratantes, o que não daria estabilidade, por isso não seria “certo”. Por essa razão, precisei negociar o sentido que a entrevistada pretendia dar, a partir de meu próprio esclarecimento (linhas 35 e 36). Silvia encerra essa pequena negociação com a expressão “vai indo”, a qual reforça o caráter incerto da relação de trabalho do marido. Ainda na linha 36, Silvia apresenta uma nova atitude do marido: a busca por um vínculo empregatício que dê suporte a família.

- 38 Silvia porque ele não quer mais trabalhar em biscate ((o filho mais
 39 ((novo chama a atenção da mãe)) () hhh, mas agora ele não
 40 quer mais trabalhar d- de biscateiro não, porque ele pensa no
 41 futuro das crianças, porque as crianças vão crescer, as crianças
 43 crescem, e:, esse negócio de:, como é que se fala, biscateiro, não

- 44 tem, seguro de vida, não tem:, benefício, não tem nada disso ()
 45 então quer dizer, deus o livre e o guarde acontecer alguma coisa
 46 com ele, a gente fica de pés e mãos quebradas
 47 Custódia a não ser que ele pague a autonomia
 48 Silvia então, esse biscateiro que ele tá trabalhando, não quer pagar a
 49 autonomia, aí ele: () até ano passado, ele não queria saber de
 50 carteira assinada não, mas chegou de janeiro em diante, ele falou
 51 “não silvia, eu vou trabalhar de carteira assinada, porque ()
 52 esse negócio de biscate, deus o livre e o guarde, eu pelo menos,
 53 eu tenho, você tem como conviver, como sobreviver”
 54 Marília uhum
 55 Silvia e emprego, aqui pra gente também é difícil, eu também não posso
- Fragmento 5.1.3c – A construção identitária do homem provedor

Entre as linhas 38 a 55, Silvia co-constói a categoria de pai de família ao falar sobre a preocupação com o “futuro das crianças” (linha 41), motivo pelo qual ele deixaria de ser “biscateiro” (linha 40) e passaria a ser um empregado com carteira assinada. Aqui a moral do homem apresenta-se articulada com a moral do provedor, definindo a autoridade masculina e entrelaçando o sentido do trabalho à família. Ao deixar de ser “biscateiro”, ele teria acesso a todos as benfeitorias à vida de um trabalhador ativo e mais: se “deus o livre e o guarde acontecer alguma coisa com ele”, Silvia e os filhos estariam bem assistidos, afinal, dependendo das condições de trabalho, sua vida poderia correr risco.

É interessante notar a metáfora utilizada na linha 46 para representar a situação de abandono que a família ficaria caso o provedor sofresse algum acidente: “de pés e mãos quebradas”. Com essa construção, Silvia remete tanto a uma imobilidade física quanto a uma imobilidade causada por não saber o que fazer diante da situação. Ambas podem ser interpretadas a partir da idéia da força de trabalho que não poderá mais ser oferecida ao mercado, única coisa que o trabalhador urbano que vive nas regiões periféricas, segundo os interesses do capital, tem a oferecer.

Custódia, mais uma vez, participa da conversa, mostrando à entrevistada uma outra possibilidade de não perder os benefícios de trabalhador (linha 47). Nesse momento, Silvia traz à tona que, na prática, seu marido não seria autônomo no sentido de trabalhar por conta própria, mas que sua mão-de-obra é explorada por um “biscateiro”.

Segundo ela, nas linhas seguintes, o marido não se interessava, até o ano de 2009, em ter sua carteira assinada. Porém, a partir de 2010, segundo Silvia, ele

muda de opinião e justifica sua mudança de atitude. Para construir esse trecho que compreende as linhas 51 a 53, Silvia traz uma suposta fala de seu marido, constituindo uma avaliação. De acordo com Gwyn (2000), uma avaliação feita por outra pessoa que não seja o narrador pretende promover a autenticidade do que diz.

5.2. A família de Laura

A segunda entrevistada a ser apresentada aqui é Laura, que inicia sua entrevista, construindo-se como mãe solteira.

5.2.1. Construção identitária de mãe solteira

1	Marília	então, por favor, nome idade↑
2	Laura	laura santos de almeida, tenho trinta e um anos... sou de 1978
3	Marília	você é a mãe do éricles, só?
4	Marília	mãe do éricles santos de almeida, e tem a nicole... nicole, santos
5		de almeida também
6	Marília	ela tem quantos anos?
7	Laura	tem:: um ano e onze meses
8	Marília	e ele↑
9	Laura	trezes anos
10	Marília	treze?
11	Laura	treze, é

Fragmento 5.2.1 – Construção identitária de mãe solteira

No primeiro turno desta segunda entrevista a ser analisada, solicito que a entrevistada diga seu nome e idade, e Laura responde com seu nome completo, com a idade e o ano de seu nascimento. Na linha 3, pergunto se ela só tinha, como filho, apenas o menino que estava presente. Vale esclarecer que minha pergunta é feita mediante conhecimento partilhado, visto que Custódia, assim que chegamos à casa da mãe de Laura, me apresentou a todos, e a Éricles como filho de Laura.

Ao tomar o turno novamente (linha 4), Laura assume a identidade de mãe (solteira) com a apresentação do nome completo dos filhos (“éricles santos de almeida” e “nicole, santos de almeida também”). Ainda que, de acordo com Sarti (1994), o sobrenome não seja significativo para os trabalhadores urbanos (no sentido de demarcação de status), ao trazer os sobrenomes dos filhos idênticos aos seus (todos são dela), nesse contexto, a entrevistada (consciente ou não) traz à

tona a identidade de mãe solteira, responsável até mesmo pelo registro de nascimento dos filhos sem o reconhecimento juramentado do pai.

5.2.2. Construções identitárias de mãe: a guarda tardia do filho mais velho

O fragmento a seguir tem como tópico a questão da guarda do filho mais velho, um assunto para mim um pouco embaraçoso, já que, ao longo de minhas visitas ao Morro do Sossego, sempre o via com a avó, mãe de Laura, seja na porta de casa ou passeando na “baixada” de cadeira de rodas. Esse meu constrangimento fica claro na linha 46, onde o prolongamento (“sempre::”) com uma breve pausa revela uma pequena hesitação a tocar no assunto.

- 46 Marília você sempre::, você sempre morou com ele↑
 47 Laura não não, não morei com ele não, ele foi criado pela::, pelas tias
 48 tias lá no gramacho, depois de:: dez anos que eles passaram ele
 49 pra mim, mas, desde::
 50 Marília são suas paren::tas ou↑
 51 Laura é, parente, não é parente, é vizinho da família dele, da das tias e
 52 do pai
 53 Marília uhum
 54 Laura aí criou ele, porque eu >também< tinha que trabalhar, então...
 55 era muito nova né, deixei eles levar, pra cuidar dele lá, que eu
 56 tive que trabalhar... mas não fui eu que criei não... e::, quando
- Fragmento 5.2.2 – Guarda tardia do filho mais velho

Após meu questionamento, Laura revela que ele morava com as tias, não muito longe dali (Gramacho). O que a entrevistada não deixa claro é se a guarda temporária dessas tias era um processo oficial ou informal. Ainda nas linhas 48 e 49, ela fala sobre o retorno de Éricles aos seus cuidados: “depois de dez anos que eles passaram pra mim”. Essa coletivização das responsabilidades pelo menino dentro da rede de relações dos pais, conforme Fonseca (1986) inscreve-se dentro da lógica de obrigações morais entre os trabalhadores urbanos.

Logo a seguir, na linha 50, procuro perguntar se seriam parentes dela (“suas”) ou do pai do menino, mas fui interrompida antes de concluir com a resposta de Laura (linha 51): “é, parente não é parente, é vizinho da família dele, das tias e do pai”. Ao utilizar a expressão “parente não é parente” nesse contexto, remete àquilo que não se é exatamente. Assim, Laura parece externalizar o que

Sarti (1994) e Woortman (1987) detectam em seus estudos: para os trabalhadores urbanos, a família está associada àqueles em quem se pode confiar e contar. Sua constituição não está limitada à pertinência a um grupo genealógico.

Sobre o mesmo tópico, ao longo das linhas 54 a 56, Laura procura justificar o porquê seu primogênito não esteve sob sua guarda ao longo de dez anos: “porque eu >também< tinha que trabalhar, então... era muito nova né”. Nessa tentativa de explicar, ela traz duas razões, unidas pelo elo “>também<”: uma relacionada à sobrevivência (“tinha que trabalhar”) e a outra relacionada à falta de experiência/maturidade para lidar com a maternidade (“era muito nova, né”). A primeira razão se apresenta bem demarcada pela presença do modalizador “tinha” associado à ação de trabalhar, reforçando a necessidade e a impossibilidade de sua escolha ter sido diferente. A segunda razão é construída por meio da intensificação (“muito”) do adjetivo “nova”, recorrendo ao construto social que associa juventude à irresponsabilidade com os atos e buscando minha compreensão por meio desse conhecimento socialmente compartilhado com a expressão “né”.

A necessidade de apresentar justificativas para a cessão da guarda de Éricles pode estar relacionada a mais uma questão moral dos trabalhadores urbanos discutida por Sarti (2003) em relação à mãe solteira, visto que no imaginário da comunidade seria dado a ela “a chance de reparação: ‘ter o filho e conseguir criá-lo transforma-se, então, na prova de um valor associado à coragem de quem enfrenta as conseqüências dos seus atos” (p. 75). Porém, ela perde essa oportunidade por permitir (“deixei”) que outros o levassem.

Prosseguindo o turno, ainda na linha 55, Laura fala da tomada da guarda pela família do pai do menino: “deixei eles levar”, mais uma vez demarcando o processo de “circulação” dessa criança e podendo ser entendido como um sacrifício em benefício da criança (“pra cuidar dele lá”). Nesse sentido, Fonseca (1986) mostra como as mães, ao darem seus filhos, “sacrificam suas prerrogativas maternas em benefício destes” (1986, p. 12). Quando se dá aos pais adotivos uma criança, esta se constitui como dádiva (cf. Sarti, 1994, p. 51). Esse sacrifício da doação mais uma vez é justificado pela retomada da necessidade do trabalho, na linha 56 (“tive que trabalhar”).

5.2.3. Construções identitárias de mulher não provedora: as pensões dos filhos

Laura, que possui uma estrutura familiar diferenciada da de Silvia, também fala sobre sua fonte de sustento passada e atual:

- 58 Marília cê tá trabalhando agora?
 59 Laura não, não trabalho não, só recebo benefício dele né, da lois... e
 60 tem o dinheiro da bebezinha
 61 Marília entendi, mas na época você trabalhava em que?
 62 Laura trabalhava na piraquê... ajudante de manutenção, do imóvel né...
 63 aí eu fiquei quatro anos na piraquê, saí porque:: eu faltava
 64 muito pra levar ele no::, ele andava né, aí eu faltava muito o
 65 emprego pra levar ele no::, nos médicos, pra tratamento, pra
 66 descobrir o que que ele tinha, aí acabei sendo demitida... porque,
 67 eles não aceitam atestado, aí... tô desempregada até hoje
 68 Marília já tem::... quanto tempo↑
 69 Laura tem::, quatro anos que eu to desempregada, praticamente
 70 Marília aí você só, vive da::
 71 Laura é... aí eu vivo de::, do benefício deles... deles dois

Fragmento 5.2.3 – Mulher não provedora

Nesse fragmento, Laura constrói-se como desempregada e dependente de duas pensões: uma de direito do menino portador da Distrofia de Duchenne e a outra alimentícia cuja beneficiada é a sua filha mais nova.

Na linha 61, questiono sobre seu último emprego, mais especificamente sobre qual era a sua função. Na resposta, além da empresa em que trabalhava e a função que exercia, respectivamente, após uma breve pausa, ela continua trazendo o que considera o motivo de sua demissão: as faltas devido ao tratamento médico de seu filho. Nesse momento da entrevista (entre as linhas 63 e 67), Laura parece ter encontrado a possibilidade de construir uma identidade como mãe participativa, já que anteriormente (como visto no item 5.2), ela expõe o fato de não ter sido responsável pela criação do seu filho ao longo de muito tempo. Essa nova co-construção surge na entrevista como uma compensação ao passado anteriormente exposto e à moralidade que envolvem os trabalhadores urbanos, visto que, segundo essa visão, que a mãe deveria ocupar-se pelo zelo dos filhos. Dramatizando ainda mais seu esforço como mãe, ela diz ter ficado desempregada pela não aceitação dos atestados médicos.

5.2.4. Construção identitária do pai ausente

Na linha 72, pergunto sobre o auxílio do pai do menino e Laura, nas linhas seguintes, o co-constrói como um pai ausente, visto que ele “não ajuda, num::, não pergunta nem por ele” e “também não registrou”.

72	Marília	o pai, ajuda↑
73	Laura	não, o pai, não ajuda, num::, não pergunta nem por ele... também
74		não registrou... e aí tá aí, eu falo que gastos tem o menino... ele
75		fala “eu não vou dar nada não, o governo já dá, então não vou
76		ajudar”, não ajuda em nada... nem vem ver ele, ele vem... tem três
77		anos que não vê o garoto
78	Marília	entendi (10s)

Fragmento 5.2.4 – Construção identitária do pai ausente

Essa seqüência de negativas utilizadas tem um caráter enfático que auxilia na construção da displicência paterna que perdura desde o nascimento do menino. Para exemplificar, ela traz uma suposta fala do pai do menino: “eu não vou dar nada não, o governo já dá, então não vou ajudar”. Ao trazer a voz do pai, Laura aumenta a “autenticidade” do seu relato, sua força discursiva. A entrevistada finaliza o tópico, na linha 76, trazendo mais negativas (“não ajuda em nada... nem vem ver ele, ele vem... tem três anos que não vê o garoto). A última delas (“tem três anos que não vê o garoto”), aliada a expressão “não pergunta nem por ele”, vão mais além, pois além de ausente, Laura co-constrói um pai que não teria nenhum sentimento pelo filho.

5.3. A família de Maria

A terceira entrevistada a ser apresentada é Maria, que inicia seu relato construindo sua família como ampliada.

5.3.1. Construção da família ampliada

Maria inicia a apresentação de sua família, respondendo a meu questionamento sobre quantas e quais pessoas moram sob seu teto (linhas 8 e 9). Sua resposta (linha 10) é iniciada pelas expressões seguidas “comigo” e “dentro da minha casa” que me permitiu inferir, num primeiro momento, que, além dos

filhos e netos que habitam sua casa, existem outros, mas parece que ela se restringiu a responder o que foi solicitado.

- | | | |
|----|---------|---|
| 8 | Marília | entendi quantas pessoas moram aqui com a senhora, quem mora |
| 9 | | aqui? |
| 10 | Maria | comigo, dentro da minha casa mora quatro |
| 11 | Marília | quem são? |
| 12 | Maria | três filho e um::, não, cinco... três... são quatro, né, são cinco... |
| 13 | | três filho e o meu neto |
| 14 | Marília | uhum então::, esses seus filhos tem quantos anos? |
| 15 | Maria | um tem vinte e dois, a outra tem vinte... o outro tem treze |
| 16 | Marília | entendi... os netos são de quem↑ |
| 17 | Maria | um só, mora comigo, é ele ((apontando para o filho de camila))... |
| 18 | Marília | quantos anos ele tem↑ |
| 19 | Maria | dessa daí ((apontando para camila))... vai fazer quatro |
| 20 | Marília | entendi... e a senhora tem um menino, de treze |
| 21 | Maria | menino, de treze |

Fragmento 5.3.1 – Construção da família ampliada

Na linha 11, retomo o turno reformulando minha pergunta, com foco na informação de quais seriam as quatro pessoas que moram com ela. Na linha 12, ela revela, ainda de uma forma geral e titubeante (marcada pelo prolongamento um::, seguido de “não”), quantos filhos e quantos netos se tratam, oscilando entre apresentar a quantidade de filhos e netos, depois o total de pessoas da casa (“cinco”), o total de filhos (“três”) e, depois de uma breve pausa, retoma a informação anterior (“quatro”) de quantos são acolhidos por ela na casa. Essa retomada parece requerer a minha aprovação, no sentido de mantê-la com o raciocínio correto, buscando meu auxílio (com a expressão “né”) para finalizar essa contagem. Finalmente, na linha 13, ela retoma o foco da pergunta e responde genericamente: “três filhos e o meu neto”.

Na linha 14, ainda buscando mais detalhes sobre os filhos, peço a Maria que informe as idades, cuja resposta (linha 15) é construída em ordem decrescente de idade. Interessante notar que essa ordem, além de demarcar a ordem de nascimento dos filhos, apresenta também uma breve pausa, parecendo separar a apresentação do filho adotivo (“... o outro tem treze”) dos demais, biológicos.

Na linha 16, faço uma pergunta no intuito de saber quais são os pais e/ou mães das crianças que estavam brincando no terreno em torno da casa, no qual ocorreu a entrevista, já que eu havia subentendido no início da entrevista que havia mais filhos (e, possivelmente, mais netos). Nesse momento (linha 17), ela

traz uma correção (“um só”), demarcando o singular, já que anteriormente eu utilizei a expressão “os netos são”. Na mesma linha 17, ela prossegue reafirmando “mora comigo” e, para que eu conheça, localiza o seu neto entre as demais crianças: verbalmente (“é ele”) e gestualmente ((apontando para o filho de Camila)).

Vale notar que Maria só irá atender ao foco da minha pergunta (feita na linha 16), após uma segunda pergunta sobre o menino (linha 18). Então, apenas na linha 19, Maria revela quem é a mãe do menino em questão, que também está presente na casa no momento da entrevista, o que fica claro com a expressão “dessa daí” (linha 19). Somente após responder, tardiamente, a minha questão da linha 16, na mesma linha 19, ela responde à pergunta que fiz na linha 18.

5.3.2. Construção identitária de mãe desgostosa: problemas com a filha

Ainda sobre a expressão utilizada para se referir à filha, vale observar que “dessa daí”, além de permitir localizar a mãe da criança dentro do espaço físico da casa e do seio familiar, a entonação crescente/decrescente dada pela entrevistada remete, ao mesmo tempo, a um certo desdém, permitindo inferir que há um mau relacionamento entre as duas.

Trazendo uma possível razão para os desentendimentos, há um fragmento mais adiante em que volto a perguntar sobre o neto de Maria, retomando a informação de que ele mora na casa, num contexto de diferenciação das demais crianças presentes no quintal:

44	Marília	aí ele mora com a senhora
45	Maria	quem, ele?
46	Marília	ele ((indicado o filho de camila))
47	Maria	não, ele mora comigo, ele e a mãe dele... moram comigo, minha
48		filha... saiu, arrumou esse cabalacho e voltou

Fragmento 5.3.2 – Construção identitária de mãe desgostosa

É nesse momento, entre as linhas 47 e 48, que Maria traz o contexto em que seu neto foi gerado: “minha filha... saiu, arrumou esse cambalacho e voltou”. Nesse pequeno trecho, ela parece resumir a insatisfação que sente em sua filha ser

uma mãe solteira. Ao chamar o neto de “cambalacho”, Maria traz à tona a noção de uma criança não planejada, fruto de um momento de irresponsabilidade.

5.3.3. Construção identitária de mãe do filho adotado

Ao longo das linhas 20 e 21, voltamos a falar sobre o filho mais novo (de forma sucinta), que, bem mais adiante, nas linhas 168 a 164 será retomado por Maria, trazendo mais detalhes sobre o menino adotado.

- 168 Maria crio ele desde pequenininho, né... então ele é meu... dessa::...
- 169 °mulher aí do lado° ((referindo-se à patrícia))... eu crio ele desde
- 170 novinho... então, eu tenho, ele como filho... ele é meu filho
- 171 Custódia a vizinha também apronta ne?
- 172 Maria nossa, essa vizinha... só jesus na causa
- 173 Marília mas a senhora é o que da patrícia?
- 174 Maria nada... nada, nada, vezes nada, nada... ela mora aí, tu conhece
- 175 ela?
- 176 Marília não, não, já ouvi falar... ainda não conheci... a gente vai tentar
- 177 falar com ela
- 178 Maria ela mora aí, do lado... ela me deu o menino, ela tava com oito
- 179 meses... ele agora vai fazer treze, agora em abril
- 180 Marília ela teve a criança e:: ↑
- 181 Maria com oito meses ela me deu... °ela disse que tinha um pobrema lá
- 182 sé::rio, né... que é uma doença, que desagrada, e de vez em
- 183 quando ela tá lascada mesmo°... mas, ela me deu o menino e eu
- 184 ganhei, e hoje ele ta com treze anos... se tu ver ele↑
- Fragmento 5.3.3 – Construção identitária de mãe do filho adotado

No início do fragmento, na linha 168, Maria refere-se ao início da adoção, que se dá desde muito cedo, de acordo com as expressões “desde pequenininho” e “desde novinho” (linha 169). Em ambos os casos, Maria se vale dos adjetivos no diminutivo, enfatizando o pouco tempo de vida que tinha o menino no momento em que passa a cuidar dele. Ainda na linha 168, após uma breve pausa, Maria arremata com uma conclusão (iniciada pelo gancho “então”) que o menino era seu. O uso do pronome possessivo “meu” é bastante significativo por demarcar a construção social de que “mãe é quem cuida”. Porém, ela não nega totalmente a mãe biológica, trazendo-a logo após uma breve pausa (linhas 168 e 169). Ao mencionar a mãe biológica do menino, a entrevistada parece hesitar em revelar de quem se trata. Essa hesitação fica bem marcada pelas pausas antes e após o demonstrativo “dessa::”, além do prolongamento da vogal final. Logo após, ela

fala em tom baixo, provavelmente, para que não fosse ouvida; afinal, a pessoa em questão era sua vizinha.

Reafirmando sua relação com o filho adotivo, ela insiste (“eu crio ele desde novinho”) e fecha o raciocínio mais uma vez com o gancho “então” e continua (“eu tenho ele como filho”), seguida de uma breve pausa e o fechamento “ele é meu filho”. Observando o processo de construção e categorização do menino como um membro real da família na linha 170, primeiramente a entrevistada diz que o tem “como filho”, ou seja, o compara com os demais, filhos biológicos. Logo a seguir, ela sai do âmbito da comparação e utiliza o verbo “é”, seguido do pronome possessivo “meu”. Ao optar por não mais utilizar o comparativo “como” pelo verbo “é”, num processo de gradação, a entrevistada reforça a relação entre ela e o filho adotivo, dizimando qualquer diferença entre os filhos como um todo.

5.3.4. Construção identitária da vizinha mãe biológica do filho adotivo

171	Custódia	a vizinha também apronta ne?
172	Maria	<u>n</u> ossa, essa vizinha... só jesus na causa
173	Marília	mas a senhora é o que da patricia?
174	Maria	nada... nada, nada, vezes nada, nada... ela mora aí, tu conhece
175		ela?
176	Marília	não, não, já ouvi falar... ainda não conheci... a gente vai tentar
177		falar com ela
178	Maria	ela mora aí, do lado... ela me deu o menino, ela tava com oito
179		meses... ele agora vai fazer treze, agora em abril
180	Marília	ela teve a criança e:: ↑
181	Maria	com oito meses ela me deu... °ela disse que tinha um pobrema lá
182		sé::rio, né... que é uma doença, que desagrada, e de vez em
183		quando ela tá lascada mesmo°... mas, ela me deu o menino e eu

Fragmento 5.3.4 – Mãe biológica do filho adotivo

Na linha 171, Custódia tece um comentário sobre a mãe biológica do filho adotivo de Maria: “a vizinha também apronta né”, instigando Maria a falar mais sobre a vizinha. Ao utilizar o termo “apronta”, no presente, é possível inferir que se trata de alguém que costuma estar envolvida em situações complicadas. E, por estarmos no contexto em que o assunto é o menino adotado, pode-se inferir também que o menino seria fruto de uma de suas peripécias, que parecem ser bem conhecidas e compartilhadas entre Custódia e Maria, o que fica explícito com o uso da partícula “né”.

Na linha 172, ela atende à provocação de Custódia, valorizando o quanto a vizinha “apronta” por meio da ênfase em “nossa” e, logo em seguida, com a expressão “só Jesus na causa”, amplamente conhecida e popularmente utilizada quando alguém se refere a situações complicadas.

Instigada, me dirijo a Maria e pergunto na linha 173 qual seria a relação entre ela e a mãe biológica do menino, buscando um possível grau de parentesco. Na linha 174, ela responde: “nada... nada, nada, vezes nada, nada”. Por meio de repetições, a entrevistada parece querer deixar bem claro não apenas que não apresenta nenhum laço de sangue com a vizinha, mas também que não há nenhuma afetividade entre as duas. Vale observar que, nesse momento, ela não diz ao menos que só se trata da mãe biológica do menino, o que parece reforçar ainda mais o distanciamento (que nesse caso não seria espacial, mas moral).

Seguindo, na mesma linha 174 (e linha 175), ela pergunta se eu conheço sua vizinha. Na linha 176, procuro explicar que não, mas que já conhecia sua história.

Na linha 178, Maria permanece falando sobre a mãe biológica do filho mais novo: “ela mora aí do lado”, novamente reafirmando a proximidade espacial entre as duas. E continua, agora relatando sumariamente o processo de adoção do menino: “ela me deu o menino”. Nessa construção da transferência da guarda da criança, foi utilizado o verbo “deu”, conferindo à mãe biológica o poder da dádiva. Aqui, ao contrário do que aconteceu com a família de Laura, a adoção tem caráter definitivo, ainda que, repito, não fique claro se existe um processo legal ou não.

Ainda na mesma linha 178 (e seguindo na linha 179), Maria revela a idade que o menino tinha na época da adoção (“ele tava com oito meses”) e, após uma breve pausa, ela traz a idade atual do mesmo (“ele agora vai fazer treze agora em abril”). Contrapondo as duas construções, é possível observar dois usos verbais distintos. Unidas, elas trazem a marca do contraste do passado (expresso pelo verbo “tava”) com o presente/futuro próximo (expresso pelo duplo advérbio “agora”, seguido do verbo “vai”). Com essas formas, Maria demarca uma grande mudança (positiva) na vida do menino e, ao mesmo tempo, as idades acabam por revelar que esse processo já ocorreu há bastante tempo.

Na linha 180, enuncio uma sentença para que seja completada pela entrevistada, o que é atendido na linha 181, retomando a ideia da “doação”. E, depois de uma breve pausa (e mais uma vez em tom baixo, talvez para não ser

ouvida pela vizinha), ela traz pistas sobre a doença que afeta mãe biológica do menino em questão: “ela disse que tinha um pobrema lá sé::rio, né”. Aqui, Maria parece querer apresentar a razão da transferência da guarda do menino, enfatizando com o prolongamento da sílaba (“sé::rio”) a gravidade do problema. Logo a seguir, ainda na linha 182, ela revela que o problema é “uma doença, que desagrada”, qualificando a moléstia, e, a seguir, comenta sobre os momentos críticos da doença da vizinha: “e de vez em quando ela tá lascada mesmo”. Nesse momento, Maria parece querer atestar a doença da outra, o que mais uma vez contribuiria para justificar a “doação” do menino, visto que a doente não poderia dar a ele os devidos cuidados.

Dando prosseguimento ao tópico, Maria diz: “mas, ela me deu o menino e eu ganhei” (linhas 183 e 184). Com o emparelhamento das expressões “ela me deu” e “eu ganhei”, cujo objeto seria o menino adotado, pode-se observar que, nesse momento, ao contrário do anterior em que o “poder” do processo de doação parecia estar nas mãos da mãe biológica; aqui, Maria parece deixar claro que esse processo só aconteceu porque ela aceitou receber a guarda (“e eu ganhei”).

Para finalizar o tópico, ela arremata (linha 184): “e hoje ele tá com treze anos”. Mais uma vez, Maria parece querer apresentar o presente (“agora” com “treze anos”) em que o menino está bem e completa (“se tu ver ele↑”).

5.3.5. Construções identitárias de casal: relações instáveis com o companheiro

Ao longo da entrevista, Maria traz mais uma pessoa associada à sua família:

- | | | |
|-----|----------|---|
| 147 | Marília | então, dona maria, a senhora falou que tem um companheiro, né, |
| 148 | | como é que é, como é que é i-↑ |
| 149 | Maria | a <u>bença</u> , aquilo ali é uma, aquilo ali é uma <u>bença pura</u> ... né |
| 150 | | custódia? |
| 151 | Custódia | ô, meu deus |
| 152 | Maria | aquilo a li é um <u>bença pura</u> ... aquilo ali foi uma <u>prova</u> , que eu |
| 153 | | passei na vida garota |
| 154 | Marília | a senhora ainda convive com e::le↑ |
| 155 | Maria | não, eu, não, se eu disser pra você que eu não gosto dele, eu |
| 156 | | gosto dele... me <u>amarro</u> na dele de graça... mas, pra morar |
| 157 | | comigo não dá mais não, filha |
| 158 | Marília | a senhora, morou com ele por quanto tempo? |
| 159 | Maria | quatro ano, quatro ano e uns quebrados |
| 160 | Marília | e seus filhos, aceitam ele bem? |

161	Maria	(suspiro)... tem que aceitar ele né
162	Marília	mas a senhora teve filho com ele↑
163	Maria	<u>n</u> ão, tem filho não, tenho filho com ele não... tenho filho mais
164		não, filha... eu tenho cinquentahhh e oitohhh
165	Marília	ué, podia ter sido antes
166	Maria	<u>n</u> ão, tenho mais filho nenhum... minha filha mais nova é até
167		ela... vinte anos... e tem um garoto com treze, que no caso, eu

Fragmento 5.3.5 – Relações instáveis com o companheiro

Nas linhas 147 e 148, questiono sobre o companheiro que soube, antes da entrevista (no momento em que Custódia a cumprimentava), que Maria tinha. Porém, antes mesmo de concluir a questão, Maria já inicia a construção desse homem, chamando-o de: “a bença” (linha 149). E completa: “aquilo ali é uma, aquilo ali é uma bença pura”. Pelas ênfases empregadas em “bença” e “pura”, é possível inferir que se trata de uma construção irônica, mantida com o aval de Custódia, a quem Maria recorre após uma breve pausa (“né custodia?”). Após a manutenção da ironia por Custódia (linha 151), Maria permanece com o mesmo enquadre/footing até o início da linha 152, onde insiste: “aquilo ali é uma bença pura”.

Ainda na linha 152, seguindo uma breve pausa, há uma breve mudança de enquadre, mas Maria volta a se ater em uma construção menos descontraída: “aquilo ali foi uma prova que eu passei na vida garota”. Com a ênfase em “prova”, é possível inferir que seu relacionamento com esse companheiro (cujo nome não é citado em momento algum) foi bastante turbulento.

Na linha 155, após meu questionamento sobre a sua atual convivência com o homem em questão, Maria afirma que não há mais convivência (“não, eu, não”), mas revela: “se eu disser pra você que eu não gosto dele, eu gosto dele... me amarro na dele de graça”. Sendo assim, Maria deixa claro que ainda nutre sentimento por ele, um sentimento forte, representado pela ênfase no verbo “me amarro”. E lamenta: “mas pra morar comigo não dá mais não, filha” (linhas 156 e 157), sem revelar claramente o porquê não seria mais possível o relacionamento, mas permanece coerente com a ironia construída.

Na linha 158, questiono o tempo de convivência do casal, cuja resposta obtive na linha seguinte: “quatro ano, quatro ano e uns quebrados” (linha 159). Na linha 160, busco saber a relação entre o companheiro e seus filhos, se “aceitam ele bem”. Maria, na linha 161, inicia sua resposta com um suspiro e após uma pausa completa: “tem que aceitar ele né”. Essa resposta, em sua totalidade, parece

indicar que, na verdade, não há um bom relacionamento, e sim tolerância, devido ao sentimento da mãe. Isso pode ser inferido principalmente a partir do suspiro e do modalizador “ter”, diretamente associado a ação de “aceitar”.

Para finalizar o tópico, questiono se ela e o companheiro tinham filhos em comum (linha 163). Na linha 163, Maria responde com veemência: “não, tem filho não, tenho filho com ele não... tenho filho mais não, filha”, já que ela já não estaria mais em idade fértil. Como sua aparência era de uma mulher mais jovem foi necessária uma pequena negociação sobre sua condição, trazendo sua idade depois de uma breve pausa: “eu tenho cinquentahhh e oitohhh” (linha 164). Como ela não tinha dado pistas de quanto tempo ficaram juntos e há quanto tempo estavam separados, estava sem parâmetros e tentei justificar minha pergunta: “ué, podia ter sido antes” (linha 165). Sanando qualquer dúvida, na linha seguinte, ela retoma com ênfase na negação: “não, tenho mais filho nenhum” (linha 166) e, na linha seguinte, ela exemplifica o que está dizendo: “minha filha mais nova é até ela... vinte anos...” (linha 167), trazendo novamente sua filha biológica mais nova.

5.3.6. Construções identitárias instáveis no provimento da família: o Bolsa Família

Maria também fala sobre suas condições de trabalho e renda:

22	Marília	entendi... é::, deixa eu perguntar uma coisa pra senhora, é:: quem
23		trabalha na sua casa?
24	Maria	aqui por enquanto tá <u>todo</u> mundo parado
25	Marília	mas cês tão vivendo de que?
26	Maria	eu vivo do que eu ganho, pensão
27	Marília	pensão?
28	Maria	eu sou pensionista
29	Marília	a senhora ganha alguma bolsa, família?
30	Maria	ganho <nada, nada, nada>
31	Marília	nada?... as crianças não tão estudando↑
32	Maria	tão estudando, só o de treze e esse agora de vinte e dois

Fragmento 5.3.6a – Instabilidade do provimento familiar

Na linha 24, ela revela que “por enquanto tá todo mundo parado”. Com o uso conjunto das expressões “por enquanto tá” e “parado”, Maria denota que em sua casa há disposição para o trabalho, o que falta é emprego. Por isso, ela coloca a situação como temporária, ninguém em sua casa ficará acomodado com a

situação. Sendo assim, Maria estaria de acordo com a moralidade dos trabalhadores urbanos.

Na linha 29, interesse-me em saber se há naquela casa alguma criança beneficiada pelo programa do governo contra a pobreza, já que, segundo a apresentação feita no início da entrevista, foram indicados dois menores. Porém, ela nega o recebimento de qualquer outra verba além da pensão por viuvez, segundo seu estilo enfático por repetição: “ganho <nada, nada, nada>” (linha 30).

Mais adiante, ela revela que houve interesse de sua parte em se inscrever no Bolsa Família, discussão que trará alguns elementos interessantes:

- | | | |
|-----|----------|---|
| 89 | Maria | eu quis fazer a bolsa família, mas fiquei com medo de fazer e |
| 90 | | perder a pensão |
| 91 | Custódia | é, você::, se você tem renda, você não faz... você vai ter que |
| 92 | | comprovar que você não tem renda |
| 93 | Maria | mas... na minha nora, ela <u>tem</u> a bolsa família, ela <u>recebe</u> - |
| 94 | Custódia | quem? |
| 95 | Maria | a minha nora, essa que perdeu o marido aí na praça... <u>renato</u> , |
| 96 | | lembra do renato? ela tem a pensão dela |
| 97 | Neto | caraca |
| 98 | Maria | deixa menino ((dirigindo-se a o neto)) ... ela tem a pensão dela |
| 99 | | e tem a bolsa família |
| 100 | Custódia | mas eles não pediram, um comprovante? |
| 101 | Maria | nada, não pediu nada... eu não fiz porque eu tive medo... se não |
| 102 | | tinha feito |

Fragmento 5.3.6b – Instabilidade do provimento familiar

O primeiro deles se refere ao “medo” (linha 89) da substituição de um benefício, cujo valor já é conhecido e do qual sua família já é dependente por outro, fruto de um projeto de governo. Nesse momento, ela se coloca como previdente, já que, como mãe provedora e com todos da casa desempregados, apenas a pensão é responsável pelo sustento.

Nas linhas 91 e 92, Custódia volta à conversa, explicando a regra para ingresso no projeto do Bolsa Família, que logo é contestada por Maria, por meio do exemplo de sua nora, visto que ela acumularia dois benefícios. O exemplo trazido parece não apenas querer revelar um caso de família que recebe mais de um benefício, mas também de fazer uma avaliação moral sobre a honestidade da nora e a (in)eficácia da seleção dos beneficiados pelo programa.

Sendo assim, Maria explicita, mais uma vez, seu ponto de vista sobre esse processo de aquisição do benefício:

- 110 Maria aí então, quando eu ia fazer também, eu não era pra ter falado nada,
 111 mas a:.... sei lá... mas tem tanta gente que precisa né
 112 Custódia mas por que você não tenta↑
 113 Maria hein... a não... tenho medo... o meu é certo... né... eu vou trocar
 114 por uma coisa duvidosa

Fragmento 5.3.6c – Instabilidade do provimento familiar

Na linha 110, a entrevistada utiliza um elemento avaliativo que compara, indiretamente, a atitude real diante da oportunidade de ter o programa Bolsa Família com a postura que poderia ter tido, semelhante à da sua nora. Na linha 111, porém, Maria parece retomar de forma explícita a questão da moralidade, pois reconsidera o que disse na linha anterior (“mas a:.... sei lá”) e se refere aos moradores que tem uma situação financeira pior que a sua (“mas tem tanta gente que precisa né”), parecendo entender o Bolsa Família como algo semelhante à esmola, a qual, ela mesma não tinha direito nem necessidade. Daí, quando a entrevistada fala sobre a pensão ser o seu rendimento “certo” pode ser entendido tanto como algo confiável, real quanto justo, lícito.

5.3.7. Construções identitárias em relação ao trabalho

Maria também fala sobre o ofício que possui:

- 54 Marília assim, a senhora trabalhava, já trabalhou↑
 55 Maria já trabalhei muito, agora não trabalho mais não... tenho
 56 vontade de voltar a trabalhar
 57 Marília senhora é o que mesmo?... a senhora era o que, ou trabalhava
 58 em que↑
 59 Maria casa de família
 60 Marília muito tempo?
 61 Maria muitos anos trabalhei muitos anos em casa de família... agora parei
 62 Marília lá, lá na zona sul?
 63 Maria lá pra baixo
 64 Marília aham
 65 Maria eu sempre trabalhei lá
 66 Marília entendi
 67 Maria menina agora tá parada, menina parada, doida pra arrumar um
 68 serviço pra garota↑ ((apontando para a filha)), °mas não consigo°,

Fragmento 5.3.7a – Identidade em relação ao trabalho

Nesse fragmento, ao falar da atividade que praticava para sustentar sua família, Maria mais uma vez aponta para o seu desemprego e sua disposição, sua “vontade de voltar a trabalhar” (linha 56). Mais uma vez, Maria mostra-se inserida na moralidade local, de trabalhadora urbana.

Nas linhas 67 e 68, a entrevistada lamenta também o desemprego da filha e seu desejo que a filha se empregue: “doida pra arrumar um serviço pra garota↑”, porém, sem sucesso até o momento da entrevista: “°mas não consigo°”. O trabalho da filha de Camila se revela importante não só pelo auxílio do sustento da casa, mas também por um compromisso moral entre os familiares. Dauster (1992) vê essa questão como parte de um sistema relacional de ajuda e troca, portanto, o trabalho da filha de Maria torna-se uma forma de retribuição.

315	Custódia	e ele ainda tá trabalhando com jonas ainda?
316	Maria	não, saiu do jonas agora
317	Custódia	ele trabalha em que agora?
318	Maria	ele agora é esse negócio de::, gatonet né... tá nesse negócio
319		agora... caçando a morte de perto
320	Marília	já pensou na carteirahhh, caçador da morte de perto↑
321	Maria	é, tá caçando a morte de perto... não trabalha, não faz nada pra
322		ninguém... não faz nada

Fragmento 5.3.7b – Identidade em relação ao trabalho

5.4. A família de Mara

A quarta família selecionada, é apresentada por Mara.

5.4.1. Construção da família: “além da conta”

Neste primeiro fragmento, Mara apresenta os moradores de sua casa, fazendo a contagem deles:

1	Mara	porque: aqui em casa, se eu for botar-, agora praticamente
2		são:, era seis né, sete, são <u>oito</u> crianças agora, com ela ((indicando Tainá))
3		é oito, com ela é oito, vamo contar com ela, ela é minha
4		família né, oito com ela:, nove, dez, on-, é:, °oito°, nove dez
5		onze, são <u>onze</u> pessoas numa casa

Fragmento 5.4.1 – Construção da família “além da conta”

Nesse momento, fica clara a recente mudança na constituição da casa. Nas linhas 1 e 2, a expressão “agora” e, nas linha 2 e 3, a contraposição/troca dos tempos verbais presente do indicativo (“são:” e “é”) e pretérito imperfeito (“era”), numa correção, revelam que a entrevistada não está totalmente habituada à nova constituição do lar. Ela parece necessitar contar aos poucos para chegar ao resultado final, demarcado pela ênfase em “oito” (linha 2). Nessas quatro primeiras linhas, especificamente, em que ela fala dos menores da casa, ela busca inserir a sobrinha recém-chegada e presente no momento da entrevista (“ela”) como membro da família: “vamo contar com ela, ela é minha família né, oito com ela:”. Aqui, a noção de família restrita àqueles com quem se pode contar fica evidente, já que esta menina e seu pai adotivo foram acolhidos por Mara e seu esposo (o que se desenrolará mais adiante).

Continuando a apresentação da família, ela permanece contando (linha 4) até chegar ao número total de moradores da casa: “onze, são onze pessoas numa casa” (linha 5). Com a repetição do numeral onze e, nela, sua ênfase, reforçam a ideia de uma família grande, com um grande número de membros, como um “coração de mãe”.

5.4.2. Construção identitária de casal: “sou juntada”

Mais adiante, pergunto sobre o tipo de relacionamento com seu companheiro (linhas 12 e 17). Num primeiro momento, obtenho uma resposta mais pautada no envolvimento sentimental da entrevistada:

12	Marília	então você é casada né↑
13	Mara	eu sou casada, entendeu↑

Fragmento 5.4.2a – Construção identitária de casal “sou juntada”

Num segundo momento, na linha 17, busco saber mais claramente se se tratava de uma relação oficialmente reconhecida:

17	Marília	você é casada casada? ou:-
18	Mara	não, sou: >juntada né<, dez <u>anos</u> , já

Fragmento 5.4.2b – Construção identitária de casal “sou juntada”

Em minha questão, utilizo a expressão “casada casada”. Com a repetição do termo “casada”, apelo para o conhecimento de mundo compartilhado de que só se deveria considerar-se casada, de fato, a pessoa que tem o reconhecimento civil e/ou religioso. Ainda na linha 17, abro a possibilidade de um outro tipo de relacionamento (algum que não seja reconhecido pela lei) com “ou:”, prolongando a vogal, não encontrando um termo exato para me referir a outras formas de união. Na linha 18, Mara interrompe essa busca, respondendo prontamente: “não, sou: >juntada né<, dez anos, já” (linha 18).

Nessa resposta, Mara esclarece que sua união civil e/ou religiosamente não é reconhecida e opta pelo termo “juntada”, pronunciando-o com uma velocidade maior, seguida da partícula “né” (partícula cuja função parece ser buscar meu consentimento de que o termo escolhido seria o mais adequado para “classificar” seu relacionamento). Esse aumento de velocidade na fala pode revelar a questão do preconceito de origem judaico-cristã sofrido pelas uniões não oficializadas que ainda há na sociedade brasileira. Sendo assim, ao trazer a expressão posterior “dez anos, já”, em que revela a quantidade de anos de relacionamento, ela constrói uma união sólida talvez para compensar o fato de não ser oficial.

5.4.3. Construção dos arranjos da família ampliada: “os meus e os dele”, e o sobrinho

Nas linhas 15 e 16, a entrevistada responde minha pergunta sobre as crianças e suas filiações:

14	Marília	quantos são seus filhos?
15	Mara	me- meu são quatro e tem três do meu marido que moram com
16		a gente, e quando eu vim morar com ele, eles eram pequenos

Fragmento 5.4.3a – “Os meus e os dele” e o sobrinho

Vale notar que, nas linhas 15 e 16, a entrevistada não apenas revela quantos são seus filhos e enteados, mas também revela que “quando eu vim morar com ele, eles eram pequenos”, já indicando a sua responsabilidade na educação dos enteados.

Mais adiante, ela contextualiza sua chegada na família:

22 Mara [e aí] moro com eles há dez anos, eu e ele
 23 criamos esses filhos dele, °entendeu°, que a mãe deles foi
 24 embora, um tinha dois anos, os outros gêmeos tinham cinco anos
 Fragmento 5.4.3b – “Os meus e os dele” e o sobrinho

Na linha 22, a entrevistada repete a informação de que está há dez anos na família, mas agora a utiliza numa construção dela mesma como uma madrasta participativa, de forma mais explícita que na linha 16: “eu e ele criamos esses filhos dele” (linhas 22 e 23).

Ainda na linha 23 e seguindo na linha 24, ela explica “que a mãe deles foi embora” e, logo em seguida, revela as idades que os enteados tinham na época do “abandono”. Sendo assim, podemos entender que as linhas 22 e o início da 23 foram construídas com recursos que reforçam a identidade de boa madrasta; já o fim da linha 23 e da linha 24 foram construídas com meios que iniciam a construção identitária da ex-mulher de seu companheiro como mãe irresponsável.

Entre as linhas 25 e 28, Mara volta a falar sobre as crianças da casa:

25 Mara aí hoje os gêmeos tão com dezesseis anos, esse aí, o
 26 mais novo tá com treze anos, tenho um filho de sete, uma filha
 27 de cinco, uma de três anos, que faz agora dia oito de abril, e o
 28 bebezinho, não tem nem meses, tem dias ainda, tem dezesseis dias só
 Fragmento 5.4.3c – “Os meus e os dele” e o sobrinho

A linha 25 é introduzida pelo gancho “aí”, seguido de “hoje”, permitindo a continuação do relato e a contraposição da época em que os enteados foram deixados pela mãe e o momento atual, depois de dez anos sob sua guarda e a do marido. E continua, trazendo os filhos da sua união, com uma atenção especial à caçula, marcada pelo diminutivo (“bebezinha”), pela ênfase na fala (“não tem nem meses, tem dias ainda”) e pela quantidade de dias de vida (“tem dezesseis dias de vida”), seguida da partícula “só”, que reforçam o quanto a menina em questão é nova.

Mais adiante, Mara volta a falar da oitava criança, recém-chegada de Manaus com seu pai adotivo, mas voltada para um contexto de migração:

45 Mara que é minha sobrinha né, veio de manaus, te- tem um ano,
 46 tem um ano e oito meses, pai dela veio pra cá, com uma
 47 mão na frente e outra atrás, pra conseguir uma coisa melhor

48 aqui no rio, aí ta correndo atrás de um biscate, pra trabalhar de
 49 carteira assinada, enquanto isso ela vai ficar comigo, morando,
 50 comigo, até ele arrumar um emprego decente, sabe custódia
 51 pra ele sustentar a filha dele, que é eles dois só, ele não tem
 52 mulher, <tem nada>, é ele e ela só, entendeu, e ela mora
 53 comigo junto com ele, entendeu, ele faz o que ele pode, à vezes
 Fragmento 5.4.3d – “Os meus e os dele” e o sobrinho

Entre as linhas 47 e 49, Mara fala sobre as condições financeiras do sobrinho de seu marido (“veio pra cá, com uma mão na frente e outra atrás”), revelando o objetivo da vinda ao Rio de Janeiro (“pra conseguir uma coisa melhor aqui no rio”; “pra trabalhar de carteira assinada”) e as providências temporárias para sobreviverem que estão sendo tomadas pelo pai da criança (“aí ta correndo atrás de um biscate”).

Ainda na linha 49, ela começa a expor os arranjos na família que estão sendo feitos enquanto a vida financeira do sobrinho não se torna estável: “enquanto isso ela vai ficar comigo, morando comigo”. Sendo assim, observa-se que a entrevistada está envolvida em um processo de *child care*, já que diariamente fica responsável pela menina enquanto o pai busca emprego. Mara estaria envolvida nesse processo devido ao fato de o rapaz e a menina não terem outras pessoas com quem contar: “que é eles dois só, ele não tem mulher, >tem nada<, é ele e ela só, entendeu” (linhas 52 e 53). Ao utilizar o termo “nada” e o ritmo acelerado da fala em “>tem nada<”, ela resume destaca a total falta de estrutura familiar dos envolvidos.

Mais adiante, mediante a informação de que o sobrinho não tinha esposa, pergunto sobre uma possível separação (linha 56). Nesse momento, Mara responde trazendo um processo de adoção informal por meio de uma breve narrativa:

56	Marília	é:, mais no caso, ele, ele separou °da espo-° da mulher?
57	Mara	não, a mãe dela, a mãe dela, tava abandonando-, abandonou
58		<u>ela</u> , tava dando ela lá em manaus, aí ele, como ele tava
59		trabalhando, ele viu aquilo, aí ele perguntou “ei menina, <u>que</u>
60		<u>isso</u> , não dá sua filha <u>não</u> ↑”, ela, “não tenho condições de criar
61		<u>não</u> ”, “então,então você me dá ela pra mim”, ela foi e deu pra ele
62		aí foi quando ele registrou no nome dele-
63	Marília	ah sim, não é filha biológica dele
64	Mara	não é filha biológica dele, ele que [pegou pra criar]
65	Marília	ele [pegou pra criar]
66	Mara	ele pegou pra criar com quatro meses, ela agora ta com um

67 ano, ta com ano e oito meses, entendeu, e ele:, como ele não
68 pode ter filho, aí ele foi, pegou uma criança pra criar, que é ela

Fragmento 5.4.3e – “Os meus e os dele” e o sobrinho

Nas linhas 57 e 58, Mara inicia o relato do episódio da adoção de Taís, fazendo um resumo do ocorrido: “a mãe dela, a mãe dela, tava abandonando-, abandonou ela, tava dando ela”. Com esse sumário, a entrevistada, ao mesmo tempo, responde minha pergunta e começa a criar a cena de que o sobrinho chega no momento exato da doação da menina por meio do verbos “abandonando” e “dando” (gerúndio), configurando a sorte de ambos: pai e filha. A seguir, traz a orientação “lá em manaus, aí ele, como ele tava trabalhando”, através da qual ela contextualiza espacialmente e explica que essa adoção ocorreu em um momento da vida do sobrinho em que ele tinha reais condições de sustentar a menina. Entre as linhas 59 e 61, Mara constrói a ação complicadora através de um possível diálogo entre seu sobrinho e a mãe biológica do bebê a ser adotado. Por meio do discurso relatado (Tannen, 1989), ela constrói e transforma esse diálogo, visto que essas falas não foram enunciadas como o apresentado (e ela não estava presente). Essas falas são produto de uma construção criativa da entrevistada que, ao utilizar tais falas, as transforma e as transpõe para uma outra situação, efetuando assim um encaixe de enquadres/footings.

A avaliação narrativa da entrevistada fica bem delineada em uma das possíveis falas relatadas de seu sobrinho: “ei menina, que isso, não dá sua filha não↑” (linhas 59 e 60). Com as ênfases utilizadas, Mara deixa marcas de sua reprovação ao ato da mãe biológica de sua sobrinha, já que é moral e socialmente estabelecido que a mãe deve ser responsável pela criação de seus filhos. O resultado da narrativa compreende a “doação” da menina e o registro de nascimento em que o sobrinho de Mara se apresenta no cartório como o pai do bebê.

Na linha 63, faço um comentário que demonstra o esclarecimento da minha pergunta feita na linha 56. Adiante, Mara traz o que poderia ter sido o motivador dessa adoção: “e ele:, como ele não pode ter filho, aí ele foi, pegou uma criança pra criar, que é ela” (linhas 67 e 68).

Entre as linhas 69 e 78, Mara fala sobre a relação do sobrinho e a filha adotiva:

69 Mara () amor da vida dele é ela, ele falou que “tia, eu não
 70 pretendo casar, se eu tiver minha casa eu vou botar tudo no
 71 nome da minha filha”, que é essa daí, a taís, que é a filha dele, é
 72 tudo dele, >tudo tudo<, tudo pra ele é ela, °entendeu°, aí ele
 73 quer dar do bom e do melhor, trabalhar, pagar as coisinhas
 74 dela, porque:, filha menina sabe que gasta muito, >gasta
 75 demais<, principalmente ela, que as vezes ela fica doentinha, fica
 76 alérgica a isso, alérgica aquilo, o maior cuidado, ele participa
 77 “tia, eu vou ter que trabalhar pra mim dar do bom e do melhor
 78 pra minha filha, mesmo ela não tendo mãe, eu servir de mãe e pai”
 Fragmento 5.4.3f – “Os meus e os dele” e o sobrinho

Mara inicia esse momento da entrevista com uma declaração marcante que resumiria a relação entre pai e filha: “amor da vida dele é ela” (linha 69). A ênfase no pronome que se refere à menina demonstra que a mesma seria o único objeto de seu maior afeto e de que seu sobrinho estaria disposto a fazer tudo para o bem-estar e amparo da menina, cujas situações serão exemplificadas logo a seguir. A primeira delas é trazida por meio de mais um discurso relatado “tia, eu não pretendo casar, se eu tiver minha casa eu vou botar tudo no nome da minha filha”, que exemplificaria a preocupação com o futuro da menina. Antes da próxima exemplificação, Mara comenta mais uma vez sobre o amor que o pai tem pela filha: “é tudo dele, >tudo tudo<, tudo pra ele é ela, °entendeu°”, reforçando o posto na linha 69. Por meio da repetição enfática do termo “tudo”, a entrevistada reforça a idéia de que a vida do seu sobrinho, desde o momento que adotou a menina, se resume em prezar pela filha. E continua, mostrando o que o sobrinho desejaria fazer pela menina materialmente: “aí ele quer dar do bom e do melhor, trabalhar, pagar as coisinhas dela” (linhas 72 e 73).

Logo após, ela fala das despesas trazidas pela criação de uma menina que, segundo sua construção, pode-se inferir que seria maior que da criação de um menino: “porque:, filha menina sabe que gasta muito, >gasta demais< (linha 74). Aqui, observa-se de forma explícita a relevância da experiência de Mara como mãe. Por ser genitora de meninos e meninas, ela se refere a uma criação feminina mais dispendiosa com conhecimento de causa. Na linha seguinte, Mara sai da generalização e fala das especificidades da menina: “principalmente ela, que as vezes ela fica doentinha, fica alérgica a isso, alérgica aquilo, o maior cuidado, ele participa” (linhas 75 e 76).

E fecha o segmento novamente trazendo a fala relatada do sobrinho, o que ele teria dito a ela em relação ao sustento e à criação da filha: “tia, eu vou ter que trabalhar pra mim dar do bom e do melhor pra minha filha, mesmo ela não tendo mãe, eu vou servir de mãe e pai” (linhas 77 e 78). Ao dizer que o sobrinho se propõe a ser mãe e pai da menina, fica configurado o deslocamento da figura feminina como referência para o bebê e, ao mesmo tempo, fica evidente a questão moral das classes populares relacionadas a importância da presença desses dois papéis: o de mãe (como zeladora da família internamente) e o de pai (como mediador da família com o mundo exterior, proporcionando respeitabilidade). Com todos esses artifícios, ela constrói a figura do sobrinho como um pai participativo e zeloso.

Finalizando, Mara fala sobre seu modelo de criação das crianças que estão em sua casa:

154	Mara	só, entendeu, tem eles também, meus filhos, que a gen-, que eu falei-,
155		eu acho assim tem que-, a gente tem, é pequeno custódia, que ensinar
156		no nosso ritmo, eu ensino no, meu ritmo, enquanto ele ta procurando
157		emprego, eu ensino no meu ritmo, entendeu, como a minha mãe me
158		ensinou eu tô passando pra eles, não mexer em nada de ninguém,
159		não roubar nada de ninguém, pra ter um-, pra ter um:, um ensino
160		melhor, eu acho assim, a gente tem que ter um ensino melhor,
161		e ensinar aquilo que a gent-, que eu passei, e to ensinado pra meus
162		filhos, entendeu, <u>não roubar</u> , <u>pedir</u> , saber pedir as coisas,
163		entendeu custódia↓, não pegar nada de ninguém, quando que
164		alguma coisa peça, o que eu puder fazer eu vou fazer por eles tudinho,

Fragmento 5.4.3g – “Os meus e os dele” e o sobrinho

Para falar sobre esse tópico mais especificamente, Mara parece requerer o aval de Custódia (linha 155), ou seja, alguém que faz parte da comunidade, que compartilhe da mesma moralidade e que também seja mãe. Essa moralidade não só estaria sendo ensinada aos seus filhos e enteados, mas também à sua sobrinha, já que sua criação está sob seu auxílio: “enquanto ele ta procurando emprego, eu ensino no meu ritmo” (linhas 157 e 158). Essa moralidade, a que ela alcunha de “ritmo”, não só está relacionada aos ensinamentos de sua mãe, mas também às suas experiências de vida: “ensinar aquilo que a gent-, que eu passei” (linha 161). Nas linhas seguintes, ela elenca quais seriam as instruções dadas às crianças: “não roubar, pedir, saber pedir as coisas” (linha 162). Todas essas instruções são

moralmente adequadas e fazem parte do processo de construção de pessoas trabalhadoras e honestas.

Ainda sobre o modelo de criação, Mara fala sobre sua dedicação às crianças:

165 Mara não ganho muito, mas tenho amor pra todo mundo, né custódiahhh
 166 Custódia é isso aí:
 167 Mara não éhhh, não ganho muito mas tenho amor pra todo mundo, e
 168 isso aí aqui, entendeu, mas aí são minhas vidas, () são minhas
 169 vidas, isso aí, °nossa° () choro e tudo, isso aí são minhas vidas
 Fragmento 5.4.3h – “Os meus e os dele” e o sobrinho

Na linha 165, Mara se constrói como uma mulher amorosa e, mais uma vez, recorre ao construto social “coração de mãe” ao dizer que “não ganho muito, mas tenho amor pra todo mundo” (linha 165), cuja expressão é repetida na linha 167, enfatizando essa identidade. Ela busca o reconhecimento dessa identidade em Custódia, já que a agente acompanha Mara há muitos anos (linha 165). E conclui, chamando atenção para suas próprias emoções (“°nossa° () choro e tudo”), dizendo que as crianças são suas “vidas”, termo esse que acentua ainda mais sua construção como mãe dedicada.

5.4.4. Construção da família em relação ao trabalho

Mara e eu co-construímos na interação sobre as formas de sustento atual e antiga, respectivamente, de sua família:

29 Marília eu:, a nossa vida aqui, o nosso sustento é a nossa
 30 barraca, a gente não conta com o espiritismo não, sabe cus-
 31 custódia, a gente conta com a nossa barraca, entendeu, e
 32 a pensão dele, conta com a aposentadoria dele, a gente vive
 33 disso, da nossa barraca, é o nosso suorzinho:
 34 Marília você trabalha aqui↑
 35 Mara aí eu trabalho aqui
 36 Marília e seu miro trabalhava em que, [°antes de se aposentar?°]
 37 Mara [o miro?] antes de aposentar ele
 38 era: estofador, forrador de sofá, ele tinha uma loja dele mas ele
 39 faliu, fechou também, entendeu:, aí agora vive só da barraca e
 40 ele vive da aposentadoria dele, é o nosso dia a dia, é o nosso
 41 pão de cada dia, não falta nada, graças a deus, pra gente, não
 42 falta nada pra meus filhos, nem pros filhos dele, que a gente
 43 corre atrás, °entendeu°, aí aqui, agora, tem a minha sobrinha,
 44
 Fragmento 5.4.4a – Construção da família em relação ao trabalho

Na linha 29, Mara fala sobre a principal fonte de sustento da casa: a barraca. Trata-se de um pequeno trailler, onde Mara e o marido vendem bebidas e petiscos. Vale notar que, nessa construção em relação ao trabalho e sustento da família, a entrevistada parece querer controlar as impressões da vizinhança, na interação comigo, o que pode ser inferido na sentença “a gente não conta com o espiritismo não, sabe cus-” (linha 30), visto que é bastante comum pais-de-santo e outras lideranças religiosas viverem de doações e outras cobranças. Nesse raciocínio, Mara continua dizendo que “conta” com a barraca e com a aposentadoria de seu marido e retoma essas duas únicas fontes com ênfase (“disso”) e, ainda na linha 33, utiliza a metonímia “nosso suorzinho”, que representa o esforço de seu trabalho, contrariando a renda via religião (dinheiro que geralmente é mal visto pela sociedade) a que sua família parece ser acusada.

Na linha 36, questiono sobre o ofício praticado por seu esposo, que segundo, a entrevistada trabalhava por conta própria até a falência e que, daquela época, resta apenas a aposentadoria, algo que é merecido por ter contribuído com o país por anos de trabalho.

Entre as linhas 40 e 41, Mara retoma o exposto nas linhas anteriores, avaliando as condições em que sua família vive: “não falta nada, graças a deus, pra gente” já que “que a gente corre atrás”. Aqui, mais uma vez, Mara mostra que tanto ela quanto o marido não são passivos quanto ao trabalho, mostrando-se dignos, já que o esforço expresso vincula-se a um princípio relacional de obrigações, ou seja, o cumprimento de sua parte. Se eles não atravessam crise financeira é porque correm atrás.

Graças a esta “estabilidade”, esta família pode receber em seu seio o sobrinho e sua filha, situação que é construída como temporária (“até ele arrumar um emprego decente”) e, segundo a construção de Mara, o objetivo do rapaz é “sustentar a filha dele”, o que o desemprego não o possibilita.

- 50 Mara comigo, até ele arrumar um emprego decente, sabe custódia
 51 pra ele sustentar a filha dele, que é eles dois só, ele não tem
 52 mulher, <tem nada>, é ele e ela só, entendeu, e ela mora
 53 comigo junto com ele, entendeu, ele faz o que ele pode, à vezes
 54 ele faz um biscate, faz-, ele joga, dá uma consulta, entendeu, e
 55 ajuda a dar as coisinhas dela, como eu e meu marido a gente dá, e:
 Fragmento 5.4.4b – Construção da família em relação ao trabalho

Segundo a entrevistada desenha, o sobrinho está com ela, pois “ele não tem mulher” nem um familiar que pudesse auxiliá-lo (“é ele e ela só”) e, mais não tem condições de sobrevivência, resumida na expressão <tem nada>. Porém, mesmo desempregado, “ele faz o que ele pode” para o sustento da menina, cuja exemplificação está a linha 54. de acordo com a moralidade dos trabalhadores urbanos, o sobrinho de Mara estaria se esforçando para cumprir o papel de pai de família, mesmo exercendo serviços desqualificados.

E Mara continua a falar sobre o esforço do sobrinho, a partir da minha questão:

- | | | |
|----|---------|--|
| 91 | Marília | é, então nesse momento, ele também não ta ajudando na renda |
| 92 | | da casa, né, [não ta podendo °fazer isso°↑] |
| 93 | Mara | [não, não, não ta podendo], não ta podendo, |
| 94 | | >é dar:, como eu tava falando<, ele ta <u>correndo atrás</u> , |
| 95 | | °entendeu°, pra ele dar um bom futuro pra ela, não deixar faltar |
| 96 | | nada pra ela, aí, ele ta correndo atrás pra da um futuro bom pra |
| 97 | | ela, um estudo <u>bom</u> , ele falou “como eu tive do meu pai, eu |
| 98 | | quero dar pra minha filha”, e:, aí ele quer dar pra ela, um |
| 99 | | estudo bom, uma vida melhor que a mãe dela não tem em manaus |
- Fragmento 5.4.4c – Construção da família em relação ao trabalho

Na linha 94, ela reitera o esforço do sobrinho, mais uma vez utilizando a expressão “correndo atrás” de uma forma mais enfática e fala do projeto e do esforço para melhora de vida voltado para a menina adotada. Esse projeto de melhora de vida, segundo Sarti (2003), se dá de forma coletiva e é concebido dentro de uma lógica de obrigações entre os familiares e não apenas em função dos preceitos da razão prática. Portanto, segundo a co-construção de Mara, o sobrinho não foge ao “prescrito” pela moralidade dos trabalhadores urbanos: tudo o que se referira a melhora de vida estará dentro da identidade de pai provedor, que se esforça para dar o “melhor” para sua filha.

Neste primeiro capítulo de análise, as entrevistas demonstraram que as identidades co-construídas pelas mulheres entrevistadas estiveram todo o tempo sob influência da moralidade que paira nessa comunidade, como trabalhadores urbanos que são. Vale ressaltar que aqui claramente se dividem as identidades construídas de mães casadas e de mães solitárias (solteira ou viúva).

No caso das mães que se encontram em um relacionamento com o pai de seus filhos, durante a co-construção dessas famílias, houve a necessidade, tanto por parte de Silvia quanto por parte de Mara de demarcar o tempo de união, oficializada ou não, para provar estabilidade, destacando suas famílias da realidade da maioria das famílias da região. Essas mesmas mulheres que se constroem dentro de uma família de constituição tradicional quanto aos seus membros também tornam relevantes em seus discursos os cuidados com os filhos, relacionados ao acompanhamento da rotina das crianças quanto ao carinho que lhes é oferecido e os ensinamentos que lhe são dados.

Em se tratando das mães solitárias, Laura – solteira – e Maria – viúva – a co-construção de identidades de mãe parece escapar ao que seria “prescrito” pela moralidade dos trabalhadores urbanos. No caso de Laura, especificamente, há a revelação de uma lacuna em relação a sua participação na criação de seu filho mais velho, o que, segundo a moralidade em questão, caberia a Laura “reparar o erro” de sua liberdade sexual, criando esse menino, o que ela diz não ter ocorrido por um tempo determinado. Porém, ainda que ocorra esse “desvio”, Laura se encontra imersa nessa moralidade e se co-constrói nela, já que, sem ser questionada sobre detalhes, procura justificar seu afastamento do filho por outras questões: a idade que tinha na época em que deixou o filho sob os cuidados das tias (associando a juventude à irresponsabilidade) e a necessidade de trabalhar.

Maria, por outro lado, não se preocupa em se construir como mãe zelosa, mas se coloca como uma mãe farta dos problemas causados ou trazidos por seus filhos. Para essa construção, Maria trouxe muitas reclamações referentes aos filhos e deixou de trazer (o que também entendemos como significativo) de mencionar alguns filhos que já não moram mais com ela no momento da apresentação da família logo no início de sua entrevista.

Quanto às organizações familiares e suas relações de provimento, observo contextos e identidades diferenciadas. No caso de Silvia, ela cria a identidade do marido biscateiro, que atualmente vem buscando vínculos empregatícios pensando na segurança da família, cumprindo rigorosamente o papel social do pai provedor.

Já Laura e Maria somam à identidade de mãe solteira a de trabalhadora desempregada, totalmente dependentes de seus respectivos benefícios/pensões. No caso de Maria, mais especificamente, a questão do sustento da família parece

ainda trazer um conflito interno, visto que a entrevistada se mostra incomodada com o fato de sua filha também estar desempregada, tendo esta um filho pequeno.

Em relação à família de Mara, as identidades criadas trazem idéia de cooperação entre os entes: o marido pensionista e pequeno comerciante que auxilia o sobrinho e o sobrinho pai zeloso, disposto a qualquer serviço para prover o sustento da filha adotiva.